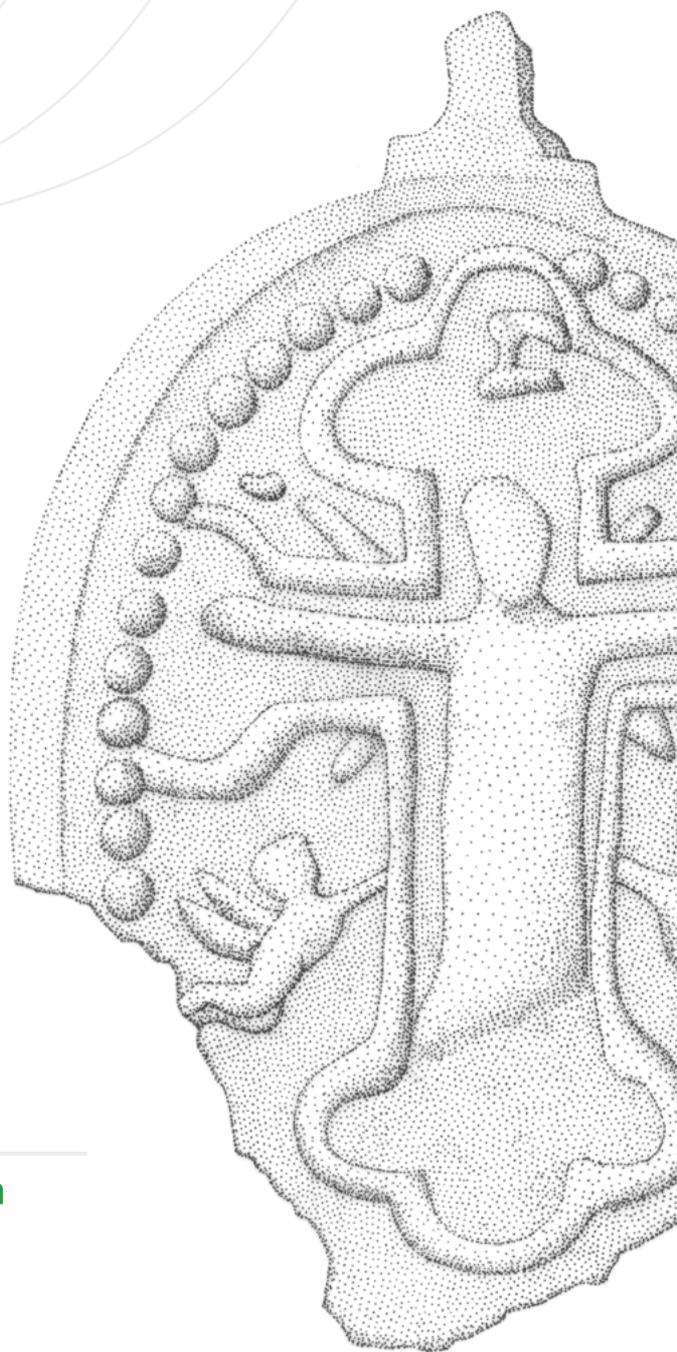


Carta Arqueológica do Concelho de Lousada

Manuel Nunes
Luís Sousa
Carlos Gonçalves

Gabinete de Arqueologia
Câmara Municipal de Lousada



Ficha Técnica

Título

Carta Arqueológica do Concelho de Lousada

Investigação e textos

Manuel Nunes

Cartografia

Luís Sousa

Fotografia

Carlos Gonçalves

Luís Sousa

Manuel Nunes

(Com exceção das fotografias devidamente assinaladas)

Desenhos

Carlos Gonçalves

Luís Sousa

(Com exceção dos desenhos devidamente assinalados)

Publicação

Gabinete de Arqueologia da

Câmara Municipal de Lousada

Edição e Propriedade

Município de Lousada, 2008

Design Gráfico

Alexandre Rodrigues

Revisão

Ana Nunes

Luís Ângelo Fernandes

N.º Depósito Legal**ISBN**

978-972-8787-10-3

Tiragem

750 exemplares

Impressão

Invulgar - Artes Gráficas

© Todos os direitos reservados, conforme a legislação em vigor,
dos textos, mapas, gravuras e fotografias

Índice

| | |
|--------------------|----|
| Apresentação | 9 |
| Prefácio | 11 |
| Introdução | 13 |

Parte I

O como antes do porquê

| | |
|---|----|
| 1.1. Metodologia | 17 |
| 1.2. Critérios para um Inventário | 20 |

Parte II

A Terra e o Homem: uma matriz identitária?

| | |
|---|----|
| 2.1. Quadro físico | 25 |
| 2.1.1. Território, hidrografia, geologia, orografia e clima | 25 |
| 2.2. Quadro ambiental | 32 |
| 2.2.1. Paisagem vegetal e recursos faunísticos | 32 |
| 2.3. Quadro humano | 34 |
| 2.3.1. Evolução demográfica (séculos XIII-XXI) | 34 |

Parte III

Ler o passado: esboço do paleopovoamento nas terras de Lousada

| | |
|---|----|
| 3.1. Pré-História recente | 39 |
| 3.2. Da Idade do Ferro à Época Romana | 41 |
| 3.3. Idade Média | 46 |
| 3.3.1. Séculos V-VIII | 46 |
| 3.3.2. Séculos IX-XII | 48 |
| 3.3.3. Séculos XIII-XV | 53 |
| 3.4. Época Moderna e Contemporânea | 61 |

Parte IV

Para uma significação in tempore: notas interpretativas

| | |
|---|----|
| 4.1. Análise e discussão dos resultados | 73 |
|---|----|

Parte V

Do que era, o que ficou: inventário e base de dados

| | |
|----------------------------|----|
| 5.1. Fichas de sítio | 81 |
|----------------------------|----|

Parte VI

Das palavras aos lugares: bibliografia e cartografia

| | |
|---------------------------------|-----|
| 6.1. Bibliografia | 229 |
| 6.2. Cartografia | 236 |
| 6.2.1. Listagem de sítios | 237 |

Prefácio

A Carta Arqueológica do Concelho de Lousada, que ora se publica, constitui, antes do mais, a materialização de um Projecto de Prospecção Arqueológica, elaborado ao longo dos últimos três anos no quadro da actividade do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

Como os próprios autores reconhecem, nunca um trabalho destes representa uma obra acabada, mas trata-se sempre de um balanço provisório onde se procuram casar os esforços anteriormente realizados para o conhecimento do património arqueológico concelhio, com os resultados de trabalhos de prospecção e sistematização mais recente das realidades envolvidas. No caso presente, porém, a apresentação dos resultados e a estrutura da publicação assume ainda a importância do trabalho realizado e da sua indispensável divulgação para uma gestão mais adequada do ordenamento territorial do município, não apenas do ponto de vista da operacionalidade do seu planeamento, mas também pela dimensão pedagógica do reconhecimento dos valores em apreço.

Tais objectivos, sendo por si próprios meritórios, são indissociáveis da própria actividade de um Gabinete de Arqueologia cuja afirmação e dinamismo testemunha bem o interesse da Câmara Municipal de Lousada pela valorização do seu património, prática esta indispensável, nas palavras de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, para «a existência e afirmação das diferentes comunidades».

Mas se este trabalho se traduz numa apresentação normalizada dos resultados coligidos, não dispensando uma prévia explanação da metodologia utilizada e das opções técnicas dos seus autores, o que só por si é de saudar, procura também ir mais longe. Sem dispensar o recurso, quando necessário, a uma linguagem tecnicamente mais depurada, não se descarta a apresentação das realidades envolvidas a um público mais alargado, na assunção de que um património só tem existência efectiva quando é reconhecido pelas populações que dele podem fruir e nele se revejam.

Num equilíbrio nem sempre fácil de conseguir, os autores aceitam mesmo o desafio de procurar contar a História do Município recorrendo às materialidades que desde os monumentos megalíticos funerários da Serra dos Campelos aos açudes ribeirinhos do rio Sousa até nós chegaram, não sem antes deixarem de delinear a indispensável caracterização geral do território abrangido e depois tentarem estabelecer um balanço dos resultados obtidos à luz das transformações mais recentes do próprio território. O inventário que se segue não se limita também a uma apresentação dos resultados alcançados aos seus pares, procura cativar um público mais alargado, susceptível de creditar a continuidade dos trabalhos do Gabinete de Arqueologia para um futuro que se deseja proveitoso.

Esperamos, contudo, que estes nossos votos não se limitem ao sucesso dos membros do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada, que certamente o desejam e merecem, mas também que eles se estendam ao voluntarismo da própria Autarquia, tornando a sua aposta no Património numa necessidade que se imponha a todos os municípios, no reconhecimento futuro de que num tal contexto o «património pode ser muito mais bem defendido pelas associações locais de defesa do património e pelas forças locais do que pelo poder central» (Carlos Alberto Ferreira de Almeida, 1993).

Lisboa, Outubro de 2008

O Subdirector do IGESPAR, I.P.

João Pedro Cunha Ribeiro

Introdução

Em 2005, gerado o processo de revisão do Plano Director Municipal, foi submetido ao ex-Instituto Português de Arqueologia (IPA), o Projecto de Prospeção Arqueológica do Concelho de Lousada com vista à actualização e reformulação da Carta Arqueológica concelhia, cuja primeira versão datava de 1992.

O propósito do projecto, para além da concretização de um estudo clarificador da realidade arqueológica do concelho de Lousada, nomeadamente através da detecção, inventariação, caracterização e posterior georeferenciação dos elementos identificados, de forma a definir, com rigor, o potencial arqueológico deste espaço geográfico e, assim, dotar os serviços técnicos da Autarquia de um valioso instrumento de gestão e ordenamento do território, com vista, nomeadamente, ao estabelecimento das áreas de Zonamento Arqueológico e à definição de estratégias e regras relativas à sua salvaguarda e conservação, propunha-se lançar as bases científicas para uma aproximação à cadência e aos «modelos» ocupacionais empregues pelas populações humanas no espaço geográfico actualmente adstrito ao concelho de Lousada.

Apesar da centralidade de Lousada face às *Terras de Sousa*, a aparente reduzida expressão e monumentalidade dos seus vestígios arqueológicos granjeou-lhe pouca atenção por parte dos percursos da Arqueologia portuguesa. Apesar das primeiras notas de Martins Sarmiento, dos apontamentos deixados por Abílio Miranda e Mário Cardozo, foi apenas com Fernando Lanhas e Vítor Oliveira Jorge, nas décadas de 1970 e 1980, mas sobretudo com Mendes-Pinto, já na década de 1990, que a arqueologia concelhia adquiriu estatuto digno de nota.

Partindo destas primeiras e, em muitos casos, derradeiras referências científicas, coligiu-se, organizou-se e sistematizou-se um conjunto de dados bibliográficos, cartográficos e de imagens, até então dispersos por inúmeras publicações, muitas das quais de carácter local ou regional.

Antecipando o trabalho de campo, estabeleceram-se critérios e métodos de pesquisa, preveniram-se problemas e anteviram-se os resultados que haveriam de alentar o projecto ao longo de dezenas de quilómetros, centenas de horas e milhares de páginas.

Sendo certo que uma Carta Arqueológica é, por definição simplista, um arrolamento de sítios com interesse arqueológico, cuja inventariação, organização e apresentação obedece a critérios relativamente estandardizados que se concretizam num dado momento, é um facto que estamos sempre em face de um documento inacabado e, desejavelmente, em permanente actualização, cuja concretização e apresentação pública, porquanto um marco *in tempore*, não deve obstar à constatação que sempre acompanha um trabalho deste tipo: o dia do fim é aquele em que tudo começa verdadeiramente.

Os autores